



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CHIOCCA, Carmen Maurer Simon. Arte e movimento na dinâmica do grupo social. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 294-305. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos\\_anais\\_congressos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

## ARTE E MOVIMENTO NA DINÂMICA DO GRUPO SOCIAL

Carmen Maurer Simon Chiocca

### RESUMO

O presente artigo tem por premissa que o indivíduo inserido em grupos sociais está em constante desenvolvimento e em conflito entre a sua natureza e a exigência da cultura. O método em estudo se propôs a aplicar técnicas grupais e recursos artísticos para estimular o movimento corporal e analisar o processo de integração grupal verificando se houve dissipação do conflito emocional e estético. A proposta da Oficina de Arte em Movimento integra constructos teóricos e práticos da Arte terapia, da Gestalt terapia, da Bioenergética, da Psicologia Analítica, do Grupo T<sup>1</sup> e do Grupo sem palavras<sup>2</sup> e apresenta-se como uma práxis de laboratório para mediar o processo de interação grupal. As técnicas integrativas que estruturam essa metodologia andragógica provocam o enfrentamento assertivo de situações, estimulam o movimento corporal, facilita a autoexpressão, a autoaceitação de sentimentos, a liberação de conteúdos reprimidos.

**Palavras-chave:** Andragogia. Arteterapia. Psicologia. Grupo. Movimento.

---

No mundoglobalizadoas diversas realidades convocam pessoas produzirem resultados coletivos em grupos sociais, quase sempre constituídos por adesão forçada - os membros se agregam para gerar um resultado, quase sem vínculo prévio. Esses arranjos grupais em variados contextos organizacionais obrigam indivíduos de culturas e hábitos diferentes a conviver, compartilhar, trocar e produzir com pessoas desconhecidas. Pequenos e grandes grupostêm cada vez menos tempo para se adaptar a novas realidades. Nesse caso As técnicas de arte servem de mediadoras do processo de integração entre membros de grupos de desenvolvimento pessoal e profissional? Tais técnicas são meios facilitadores da autoexpressão e permitem o enfrentamento de situações grupais com menos risco de rejeição? Os membros de um grupo expressam-se e movimentam-se mais livre e espontaneamente quando são disponibilizados recursos artísticos? O método de oficina de arteestimula o movimentocorporal e promove a integração de conteúdos emocionais através da execução de tarefas em grupo? A arte e o movimento corporal podem influenciar a dinâmica do grupo social?

---

<sup>1</sup>O Grupo T designa a dinâmica de treinamento que utiliza as forças internas do grupo, unindo pesquisa e ação. (MOSCOVICI, 1970, p.151-162).

<sup>2</sup>Grupo sem palavras: é utilizado por Gaiarsa como forma de intervenção grupal semelhante a uma dança circular. (GAIARSA, 2005, p. 124).



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CHIOCCA, Carmen Maurer Simon. Arte e movimento na dinâmica do grupo social. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 294-305. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos\\_anais\\_congressos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm).

Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Para responder estas questões foram integradas dimensões que orientam e dão sustentação a essa pesquisa: dimensão histórica, filosófica, corporal, artística, estética, psicológica, social e grupal.

Na história da humanidade, considera-se que a arte se funde com a própria história do desenvolvimento das sociedades primitivas. A primeira função da arte é mito-mágica, e posteriormente um registro do rito. Ela se manifesta pelo movimento corporal, pelos sons, desenhos e esculturas até hoje observada nos grupos sociais agrários. A arte atinge um nível profundo e permite entendimento e a integração de conteúdos por estabelecer uma metacomunicação tão eficaz que permitiu a sobrevivência da espécie humana.

Com o conhecimento Arqueológico e Antropológico podemos compreender que tudo acontecia em pequenos grupos, onde tudo era junto e misturado, isto é, as ciências não existiam como conhecimento separado, o conhecimento era a cultura e se ligava a crença e a identidade do grupo humano.

A **dimensão filosófica** permite que se entenda o indivíduo como autor da própria história quando aplica sua cognição e sua emoção na busca do sentido de sua existência. Para estudar e compreender a complexidade e os desdobramentos analíticos da existência humana e do universo relacional dos indivíduos, a **fenomenologia** “introduziu a noção de essência ou significado como um conceito que permite diferenciar internamente uma realidade de outras, encontrando seu sentido, sua forma, suas propriedades e sua origem”. (CHAUÍ, 1998, p. 273). As Ciências Humanas e Sociais passam a diferenciar as essências da condição humana: a histórica, a social, a psíquica, a corporal.

Com o advento do Existencialismo<sup>3</sup>, novas tendências filosóficas e psicológicas enfocaram aspectos da existência humana como ponto de partida e objeto de suas reflexões. Refletir sobre o que é ser presença intencional no mundo implica a relação do homem consigo mesmo, com os outros seres humanos, com as criaturas, com os objetos por ele criados, com a sua natureza, tendo consciência da sua liberdade e da sua finitude. As múltiplas relações, concretas e dinâmicas entrecruzam a facticidade e a transcendência humana, gerando a dialética da vida. “O homem é assim, o texto no contexto do mundo, isto é, se tece nas malhas do mundo que é seu horizonte de possibilidades, seu campo de explicitação”. (LAPORTE; VOLPE, 2000, p. 24).

A consciência intencional confere uma visão dramática à existência humana, cada indivíduo vive para si, mas existe *fora de si*, ele se projeta para fora do seu eu, isto é, no

---

<sup>3</sup> Segundo Mora (1998, p. 262), o Existencialismo não é, ou deve ser mera *atitude*, ou inclusive, simples tomada de posição. O Existencialismo é, ou deve ser, uma filosofia.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CHIOCCA, Carmen Maurer Simon. Arte e movimento na dinâmica do grupo social. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 294-305. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos\\_anais\\_congressos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm).

Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

mundo. Este mundo concreto, que também é o mundo relacional do homem, é o espaço entre o eu e o outro.

Neste enfoque o homem só possui duas possibilidades – ou nunca entrou em contato com algo (qualquer realidade) e tudo se passa como se este algo não existisse, ou ao entrar em contato com qualquer coisa, mundaniza-a, torna-se dependente dela, ocupa-se dela, quer conhecê-la, significa-a, expressa-a dando-lhe também um colorido afetivo (id íbem).

Adentra-se na **dimensão estética** quando se analisa o que a humanização impõe: o contato com as realidades são experiências de significação simbólica que adquirem um valor axiologicamente compreendido como estético e emocional. Existe um pacto de intencionalidade onde o equilíbrio e a harmonia podem ser rompidos, como se ao perceber o objeto a consciência de valor estético fizesse com que a realidade fosse simultaneamente sentida e avaliada. A cada experiência estética o pacto é revivido, e os hábitos assim adquiridos se corporificam, imprimindo uma postura física e psicológica individual. Concorda-se com Keleman (1992, p. 162), “agressões e choques, estresse e distresse são impressos em cada célula, criando uma imagem somática, emocional, psicológica que se entremeia com todos os eventos de vida associados”.

O movimento corporal espontâneo, aquele que faz com que o ser humano se conduza pela vida desde o primeiro pulsar do coração no momento da concepção até a sua finitude envolve movimento de expansão e retração, relaxamento e tensão, flexibilização e enrijecimento. O expandir e contrair celular são a origem da vida, a gênese do movimento. O ser humano é movido pela capacidade excitatória das células que formam seus tecidos. O movimento corporal como se entende é um *continuum* desde a origem da vida. “A excitabilidade da célula, sua expansão e polarização são exemplos de motilidade, assim como os acessos emocionais, tais como raiva e medo” (KELEMAN, 1992, p. 32).

Dar uma resposta emocional a estímulos endógeno e/ou exógeno é responsividade inconscientemente. Atender conscientemente a demandas e gerar o movimento corporal, gesto espontâneo que envolve emoção e sentimento é resposta estética. Segundo Merleau-Ponty (1999, p. 251),

[...] o gesto que testemunho desenha em pontilhado um objeto intencional. Esse objeto se torna atual e é plenamente compreendido quando os poderes de meu corpo se ajustam a ele e o recobrem. O gesto está diante de mim como uma questão ele me indica certos pontos sensíveis do mundo, convida-me a encontra-lo ali.

Movimento, para a abordagem terapêutica mediada pela arte, é mais do que um ato fisiológico. É um movimento de expansão e contração psicofísica que apreende o mundo à sua volta. Neste processo de apreensão se modela o ideal estético em cada indivíduo e que vem a constituir o que se denomina de subjetividade com a qual se inscreve no espaço o fenômeno



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CHIOCCA, Carmen Maurer Simon. Arte e movimento na dinâmica do grupo social. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 294-305. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos\\_anais\\_congressos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm).

Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

da expressão humana. Expressar-se pelo movimento é permitir-se viver um fenômeno de simultaneidade temporal, onde o percebido, o sentido e o apreendido fundem o real e o ideal, que é manifestado como realidade corporal espontânea.

Num organismo sadio há um equilíbrio entre o refreamento e a excitação; o indivíduo sente-se livre para expressar os seus impulsos e sentimentos, porém conserva o autodomínio necessário para saber como fazer isso de uma forma apropriada e eficaz. [...] Eles conservam a consciência do eu sem se tornarem acanhados e inibidos. Cada movimento envolve a pessoa toda de uma forma unificada (LOWEN, 1990, p. 78).

Pode-se considerar que o movimento ou a ausência dele nos organismos evidencia o grau de comprometimento da saúde dos sujeitos. O corpo reage aos estímulos recebidos sensorial e cinestesicamente, em acordo com o sentimento suscitado pela experiência estética agregada. Este fenômeno caracteristicamente humano permite produzir arte.

A dimensão das artes permite discorrer sobre as inúmeras formas de representação simbólica. A arte é uma forma de comunicar que se utiliza de canais para além do meramente verbal e alcança o imagético.<sup>4</sup> A imagem tem um poder que vai além das palavras e seu significado pode ser atualizado em um novo momento histórico. A humanidade vive um período histórico entre o verbal e o imaginário, surge o espaço e a necessidade para das terapias expressivas e a arteterapia. Afirma ALVES (2011, p.11) que:

A Arteterapia nos coloca em um contexto terapêutico diferente do tradicional, pois, ao invés da fala como instrumento, é utilizado o corpo como sinalizador e as mãos como meio criador. A consequência disso é, dentre outras particularidades, a expansão da consciência.

A arte passa a ser um instrumento técnico e conceitual de um método de trabalho ao combinar o fazer arte, o uso de materiais plásticos e outras formas de expressão a um objetivo educacional ou terapêutico. As arteterapias e terapias expressivas procuram juntar essas duas atividades, ou seja, o fazer arte enquanto expressão humana. A abordagem arte terapêutica pressupõe que: a expressão “artística” revele a interioridade do indivíduo, isto é, que expresse sua visão de seu mundo ou a sua visão da realidade. Pelo ato “artístico” que revela um suposto sentido, seja possível resignificar a existência e o representar mito pessoal. Por intermédio desse “fazer arte” pode-se estabelecer um contato com o indivíduo ou grupo, possibilitando o autoconhecimento, a resolução de conflitos pessoais e de relacionamento e o desenvolvimento geral da personalidade.

---

<sup>4</sup> Que encerra a imagem ou revela imaginação. A imagem simbólica é uma expressão condensada da situação psíquica como um todo; portanto, inclui elementos tanto da consciência quanto do inconsciente, mostrando que existe uma relação entre os dois sistemas. (GRINBERG, 1997, p. 226).



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CHIOCCA, Carmen Maurer Simon. Arte e movimento na dinâmica do grupo social. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 294-305. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos\\_anais\\_congressos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm).

Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

A **dimensão psicológica** fornece os constructos teóricos para aprofundar o entendimento desse contexto. Cada teoria psicológica com seu método de intervenção apoderam-se da arteterapia diferentemente.

Na Gestalt-terapia modelo de terapia fenomenológica<sup>5</sup> e existencial o perceber, sentir e atuar são diferencial, ao invés de interpretar e modificar atitudes preexistentes ocorre uma integração.

A Gestalt-terapia é vista como ciência, técnica e arte – a junção entre humanismo, psicologia e método fenomenológico com auxílio do pensar e do fazer psicoterapêuticos [...] vista como uma expressão filosófica de totalidade, expressa a mais radical postura contra qualquer tipo de divisão e dicotomia (RIBEIRO, 2006, p. 20).

A base da Gestalt-terapia são o diálogo e contato (existencialismo dialógico), que propiciam a *awareness*– que o indivíduo tenha a consciência do que está fazendo, como está fazendo, como pode transformar-se e, ao mesmo tempo, aprender a aceitar-se e a valorizar-se.

A Gestalt-terapia tem quatro pontos principais que apoiam esta pesquisa. Primeiro: a ênfase na relação corpo e mente, ver o homem no físico, mental e psíquico. Segundo: a noção de configuração ou estrutura – complexidade das inter-relações onde o comportamento do homem é resultante de fatores biológicos, psicológicos e socioculturais. Terceiro: o método de pensamento dialético (como compreender a realidade e verdade como movimento interno da contradição) ao focalizar interação e mudança como processos contínuos de diferenciação e integração. E o quarto: a percepção configura a experiência – a complexidade da experiência humana aparece codificada pelas lentes individuais. “Sentimos e percebemos formas, isto é, totalidades dotadas de sentido e significação”.(CHAUI,1998,p.121).

A primeira percepção da existência humana é de que há um corpo, um ser dotado de corporeidade – a tomada de consciência de seu corpo com suas necessidades físicas manifestadas pelas sensações de fome, calor, prazer ou desprazer. “Corporeidade: é a maneira pela qual o cérebro reconhece e utiliza o corpo como instrumento relacional com o mundo. Propriedade de tudo o que ocupa espaço, possui volume” (Dicionário informal).

A Gestalt-Terapia recupera o corpo todo no processo terapêutico. Ela considera o homem uma unidade integrada: corpo, mente e alma. Essa mesma unidade vai experimentar absoluta interdependência da relação corpo-mente é que constitui um fenômeno vivenciado no processo grupal.

<sup>5</sup>Fenomenologia é um modo de ver a existência, aqui e agora, e, nesse sentido, empresta sua visão de mundo à Gestalt-terapia (RIBEIRO, 1994, p. 85).



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CHIOCCA, Carmen Maurer Simon. Arte e movimento na dinâmica do grupo social. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 294-305. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos\\_anais\\_congressos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm).

Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

No Grupo T – grupo de treinamento – mente e corpo desenvolve a habilidade de sentir, pensar e agir com congruência, autenticidade e espontaneidade. O Indivíduo é confrontado pelo grupo a retirar a máscara social.

Para a Psicologia Analítica a tarefa “individuação” é um processo de ser tornar “in divisio” (não dividido) uma obra que dura toda a vida. Nesse processo inevitável se dá o confronto dos componentes da personalidade e provoca a união destes numa síntese, o que torna possível ao indivíduo ser único e existir por inteiro. É por meio da individuação que a pessoa se conhece, reconhece suas máscaras, retira as projeções e integra-as a si mesma. O confronto mais importante e integrador é entre o arquétipo<sup>6</sup> da “persona” e da “sombra”. Enquanto a persona é nutrida pelos padrões sociais a sombra é alimentada pelo lado que foi negligenciado. Sendo o confronto com a sombra um dos primeiros aspectos do processo de individuação, é necessário um ego bem estruturado para reconhecer que tudo aquilo que as pessoas projetam, principalmente as coisas de que menos gostam, são aspectos de si mesmas que desconhecem ou rejeitam.

Assim como Carl Gustav Jung, Wilhelm Reich foi um médico, psicólogo e terapeuta de ideias inovadoras. Ambos criaram polêmica sobre seus métodos empíricos de abordar o aspecto psicológico do ser humano. Um de seus discípulos Alexander Lowen ocupa lugar de destaque na Psicologia Corporal e continuou seu trabalho com a energia biológica ou “bioenergética”, a abordagem reconhecida como trabalho psicocorporal. Um dos principais conceitos da bioenergética é o *grounding*, (“enraizamento”, “pôr os pés no chão”, “incorporar-se”, “equilibrar-se”, “cair na real”, “estar em si e consigo mesmo”). Lowen partia do princípio reichiano de que os caracteres neuróticos, durante o ciclo do desenvolvimento, fixam-se energeticamente em algum ponto-chave do corpo, interrompendo o fluxo da energia. Esses pontos são chamados de anéis: ocular, oral, peitoral, visceral e pélvico, dependendo da fase do desenvolvimento em que o trauma ocorre e da formação deste bloqueio localizado.

Aplicando-se as manobras propostas com uso de técnicas artísticas é possível desbloquear o fluxo da circulação, que em geral vem carregada das repressões, de tal forma que, ao longo da relação arte terapêutica, a pessoa se dê conta de sua história, de seus traumas e dificuldades, restaurando um fluxo melhor e mais dinâmico.

No grupo de Arte em Movimento pode-se aplicar o enraizamento da bioenergética, os participantes podem trabalhar de pé, para que explorem sua energia nas chamadas “posições de estresse”, que estimulam os bloqueios a ganhar força e serem expressos. Dessa forma, é

---

<sup>6</sup>Manifestações da energia psíquica que se torna visível por meio de uma imagem arquetípica ou se evidencia nos comportamentos externos. (Grinberg, 197, p.222)



### COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CHIOCCA, Carmen Maurer Simon. Arte e movimento na dinâmica do grupo social. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 294-305. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos\\_anais\\_congressos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm).

Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

possível localizar com mais facilidade os bloqueios e restaurar ou reparar o fluxo psicoenergético.

Na avaliação da personalidade de um indivíduo é importante observar como ele fica de pé e o quanto está ligado à terra. (...). Se a pessoa for segura de si, ficará de pé naturalmente ereta. Se estiver assustada, ela tenderá a encolher-se. Se estiver triste ou deprimida, o corpo ficará curvado. Se estiver tentando negar ou compensar uma sensação íntima de insegurança, ficará de pé como um militar severo e disciplinador, e sua postura será anormalmente rígida. (LOWEN, 1990, p. 122).

Como os grupos humanos sofrem as pressões do grupo e os que não se sujeitam às leis e aos padrões sociais entram em conflito ou são excluídos. Do conflito resultam movimentos contidos que, bloqueando a energia vital do corpo, estruturam posturas corporais e psicológicas rígidas, onde a emoção é contida, sublimada, recalcada. Para aprisionar uma emoção, o corpo cria uma prisão, contraindo os músculos, concentrando a energia em determinadas regiões. “Estas manobras criam a couraça social tão brilhantemente descrita por Wilhelm Reich. [...], permanecemos confrontados com o problema de removê-la quando estamos em casa e vestimo-la novamente ao sairmos” (MELTZER, 1994, p. 36). Os grupos humanos têm revelado dificuldade de aceitação do outro que é diferente e rejeita o que é diverso, caindo na entropia e na estagnação social. Concorda-se com Fialho *et al.* (2008, p. 121) quando ele descreve a atitude humana:

Estamos esteticamente ou sensualmente entorpecidos. O que a alma deseja é “recordar” para o prazer e a beleza. Precisamos de uma moral contemporânea imperativa para refinar nossa sensação estética. Nós começamos a nos preocupar com o que vemos e, idealmente, nos achamos amando o mundo material, nossa Terra. O amor altera comportamento e honra a experiência sensorial e sensual que pode ser fundamental à preservação da Terra.

O conflito pessoal é reflexo do conflito global que revela a busca pelo ideal de harmonia relacional entre o dentro e o fora, o eu e o outro, o ser aceito e o aceitar, o ser reconhecido e o reconhecer. Para Meltzer (1994 p. 42), “o conflito intrínseco dos vínculos mentais positivos e negativos, perimetrais ao desejo e ao interesse, sempre se faz presente”. Esse movimento interno de constante busca do objeto idealizado que sacia a necessidade afetiva do indivíduo só encontrará a justa medida no coletivo e vice-versa.

Os relacionamentos inicialmente instintivos e formados para se adaptarem às diferentes exigências sociais e culturais tornam-se um padrão de hábito recíproco que é normatizado, reconhecido e validado pelo grupo social. O hábito social é um agente modelador e moderador da personalidade individual, facilitando a interação entre a comunidade e o indivíduo. Dentro dessa linha de raciocínio, o indivíduo é a força vital do grupo social, já que a identidade é um processo gerado pela socialização e gerido pela individualização.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CHIOCCA, Carmen Maurer Simon. Arte e movimento na dinâmica do grupo social. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 294-305. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos\\_anais\\_congressos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm).

Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

A identidade não pode pertencer a uma só pessoa e ninguém pertence à uma única identidade. Podemos ir ainda mais longe e arguir que não apenas não há identidades “naturais” e “originais”, já que cada identidade é o resultado de um processo constitutivo, mas que esse processo em si deve ser visto como uma hibridização e normatização permanentes. A identidade é, na verdade, o resultado de um sem-número de interações que ocorrem dentro de um espaço, cujas linhas não estão claramente definidas (MENDES, 2001, p. 420).

Essa é a visão de um ser humano em processo de significação, onde a vivência em comunidade propicia ao indivíduo o reconhecimento de sua singularidade como pessoa e a possibilidade de partilhar, participar e interagir expressando suas opiniões e sentimentos. Cria-se uma noção de identidade constituída e validada pelas inúmeras interações durante a vida.

Para Carlos (1998, p. 202) o grupo é o lugar onde as pessoas mostram suas diferenças, como a história de vida e os valores, onde as relações de poder estão presentes e perpassam as decisões cotidianas, onde o conflito é inerente ao processo de relações que se estabelece, onde há uma convivência do diferente, do plural, onde possa haver um confronto de ideias, buscando conciliar apenas o conciliável, deixando claro as individualidades, o diferente.

O grupo social pode atuar positiva ou negativamente nesse aspecto. Através da análise do discurso de indivíduos percebe-se a influência de um ou mais grupos para a estruturação de uma identidade e, a reestruturação que a comunidade ou o grupo terapêutico opera, reabilitando a autoestima do indivíduo. Assim, o indivíduo só é *in diviso* se reconhecido pelo seu grupo social como *uno*, único, ímpar.

## PROCEDIMENTOS

Optou-se nesta pesquisa-ação de característica exploratória pelo método qualitativo<sup>7</sup>, que possibilita o entendimento e a descrição dos comportamentos observados durante a intervenção. Para realizar a observação do comportamento e aplicar as técnicas foram organizadas oficinas compostas por dez atividades aplicadas a um grupo seis a oito de pessoas. Cada participante foi entrevistado previamente. O grupo foi composto por pessoas de ambos os sexos, maiores de dezoito anos, com nível superior completo ou em curso. Foi realizado um encontro grupal único com cada grupo, com duração de seis horas. Na abertura do encontro foi fornecida uma apostila para que cada participante fizesse seu registro pessoal. Foram aplicados dois questionários: um questionário com oito questões abertas e um

---

<sup>7</sup>Abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social. (RICHARDSON, 1999, p.79)



### COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CHIOCCA, Carmen Maurer Simon. Arte e movimento na dinâmica do grupo social. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 294-305. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos\\_anais\\_congressos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm).

Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

inventário de avaliação em escala Lickert que mensura o grau de percepção dos participantes com relação aos objetivos da pesquisa.

Na primeira atividade, foi proposto um aquecimento por meio do caminhar estimulado por um ritmo musical lento e, após, um ritmo musical rápido. Na segunda atividade, foi proposta escuta ativa de uma música para que cada participante escolhesse uma forma sonora de saudação e expressasse esse sentimento positivo aos outros participantes. Na terceira atividade, cada participante foi estimulado a locomover-se pela sala e cumprimentar ao seu modo os outros participantes. Na quarta atividade, o grupo realizou uma dança circular de mãos dadas no ritmo do grupo. Na quinta atividade, foram disponibilizadas aos participantes fitas de papel crepom para serem agitadas com as mãos conforme o ritmo da música. Após explorar os movimentos, cada participante usou o papel crepom com água para realizar uma pintura em folha de papel. Na sexta atividade, foram disponibilizadas caixas com água, caixas com areia e caixas com conchas, pedras e caramujos. Os participantes exploraram esses elementos e foram convidados a produzir uma escultura em grupo. Na sétima atividade, foram disponibilizados aos participantes: sal marinho, essências aromáticas e corantes para que fossem misturados. Na oitava atividade, foi colocada uma música e dados estímulos visuais para que os participantes descobrissem do que se tratava a música. Na nona atividade, foi disponibilizada uma folha de papel de cor preta e outra branca para que cada participante desenhasse seu rosto. Em seguida, os participantes receberam duzentos gramas de argila e foram instruídos a fazer uma máscara. Na décima atividade, os participantes foram convidados a deitar-se na sala e ouvir uma música para refletir sobre o que cada um quer. Após a escuta da música, os participantes, sentados em círculo, fizeram o processamento do encontro e puderam expressar livremente seus conteúdos emocionais e elaborar seus pensamentos e sentimentos.

Como métodos e técnicas utilizados para a realização da pesquisa foram selecionados os seguintes instrumentos: entrevista semiestruturada, questionário e atividades semiestruturadas com propostas de movimento espontâneo – TMM<sup>8</sup>, movimentos sugeridos por Alexander Lowen (Abordagem Bioenergética), técnicas artísticas (desenho, pintura, recorte, colagem, modelagem em argila), aromaterapia, cromoterapia e músicas, seguidas de relato, discussão e/ou registro em apostila. Os recursos utilizados foram: instrumentos sonoros ou de percussão, máquina fotográfica e filmadora, aparelho de som e gravador, tapetes, colchonetes, almofadas, sala com espelho. Outros materiais de apoio foram: tinta guache, tela artística,

---

<sup>8</sup> TMM – Técnica de Movimento Milena Morozowicz nasceu da experiência de sua autora, a professora de dança moderna que deu nome à técnica de aprendizado da dança, pela vivência do movimento de dentro para fora, isto é, do sentimento acompanhado da imaginação para posterior execução do movimento corporal.



### COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CHIOCCA, Carmen Maurer Simon. Arte e movimento na dinâmica do grupo social. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 294-305. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos\\_anais\\_congressos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm).

Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

folhas de papel canson A4, papel crepom, papel lustro branco e preto, plástico branco para prancheta, plástico transparente, lápis 4B e de cor, giz de cera, tesoura, cola, sal, areia, conchas, caramujo, pedras, água, caixas plásticas retangulares, argila, sal, corantes, essências aromáticas.

### CONCLUSÃO

Com esse método de intervenção observou-se como as técnicas artísticas, num contexto andragógico, estimulam o movimento corporal e são meios expressivos que favorecem a interação grupal. Observou-se que o movimento corporal incitado pelas atividades artísticas promove a propriocepção e a autoconsciência durante e logo após a execução. Isso permitiu que membros de grupos de adesão forçada entrassem em contato com seus conteúdos limitantes, ainda que inconscientes, e expressassem com espontaneidade suas características. Demonstrou-se como técnicas grupais e da arte terapia levaram os participantes da “Oficina de Arte em Movimento” ao contato corporal. Confirmou-se que técnicas artísticas podem servir de mediadoras no processo de integração dos grupos, pois há evidências de que a interação através dessas técnicas facilita a auto expressão de sentimentos individuais. Pelos relatos dos participantes pode-se afirmar que cada um pôde entrar em contato com seu conflito estético/ emocional e vivenciá-lo na execução de atividades. Também nos depoimentos do grupo constatou-se a liberação dos preconceitos sociais. Por meio da observação participativa direta, da análise das produções artísticas e dos registros fica explícito que os participantes constituíram um grupo com melhora da autonomia, autoestima, autoaceitação permitindo-se atuar com autenticidade, integridade e congruência. Essa práxis faz uma contribuição aos coordenadores de grupos, arte-terapeutas, psicólogos e profissionais de áreas afins que têm sentido a necessidade de criar novos instrumentos e métodos de intervenção. Nesta oficina pôde-se entender a complexidade do trabalho com o ser humano em processos de desenvolvimento. Compreende-se que para integrar o indivíduo ao grupo seja este de apoio ou terapêutico é imprescindível que haja aceitação, criatividade, liberdade e abordagens teóricas consistentes. O trabalho educacional é muito importante na formação de psicoterapeutas, que aprendem constantemente com exercícios práticos e teóricos. Todo psicoterapeuta deve passar por uma intensa experiência prática compartilhada com seus colegas, tanto em grupo como no trabalho individual, para poder interferir no ambiente a partir dessa vivência pessoal. O preparo e a capacidade dos profissionais que pretendem se



### COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CHIOCCA, Carmen Maurer Simon. Arte e movimento na dinâmica do grupo social. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 294-305. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br/artigos\\_anais\\_congressos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

utilizardesse método de intervenção exige experiência e estudo constante em áreas para além da Psicologia e das Artes.

### REFERÊNCIAS

- ALVES, F. **Técnicas expressivas em Arteterapia: o encanto das fábulas ao encontro da alma**. Rio de Janeiro: WakEditora, 2011.
- CARLOS, S. A. **O processo grupal**. In: SREY, M. N. et al. **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- FIALHO, F.A.P. et al. **Gestão da Sustentabilidade na Era do Conhecimento Social, Econômico Ambiental: o desenvolvimento sustentável e a nova realidade da sociedade pós-industrial**. Florianópolis: Visual Books, 2008.
- GAIARSA, J.A. **A família de que se fala e a família de que se sofre: o livro negro da família do amor e do sexo**. 8 ed. São Paulo: Ágora, 2005.
- GRINBERG, L. P. **Jung: o homem criativo**. São Paulo: FTD, 1997.
- KELEMAN, S. **Anatomia emocional: a estrutura da experiência**. São Paulo: Sumus, 1992.
- LAPORTE, A. M.; VOLPE, N. V. **Existencialismo**. Curitiba: Juruá, 2000.
- LOWEN, A. M. D. **A espiritualidade do corpo**. São Paulo: Cultrix, 1990.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1999.
- MELTZER, Donald. **Apreensão do belo**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- MENDES, C. **Pluralismo cultural, identidade e globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia, o processo grupal: uma abordagem fenomenológica da teoria do campo e holística**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1994.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

### AUTORA e APRESENTADORA

#### **Carmen Maurer Simon Chiocca / PR – CRP 08/11571**

Formada em Educação Artística pela UFPR, em Psicologia pela PUCPR e especialista em Arte terapia pelo ISEPE, em Psicologia Analítica pela PUCPR e em Dinâmica dos Grupos pela SBDG/ FATO-RS. Atua na Psicologia Organizacional e na Clínica Analítica com desenvolvimento de habilidades comportamentais. Como terapeuta corporal ministra palestras, treinamentos e oficinas com metodologia Life Art Movement.

**E-mail:** [carmensimon@hotmail.com](mailto:carmensimon@hotmail.com)